

I

O nevoeiro

A noite passada sonhei que tinha voltado à casa do avô. O jardim estava submerso em nevoeiro e o vento muito frio trazia-nos os sons indistintos da charneca.

Nós brincávamos aos fantasmas.

— Não vêem um fantasma naquela janela?

Lizzie, Miranda, John e eu. Devíamos ter nove ou dez anos, como na altura em que nos conhecemos. A primeira vez que os nossos pais nos mandaram para a casa do avô, nas férias do Verão.

Era o tempo em que acreditávamos em seis coisas impossíveis antes do pequeno-almoço. Mas nos primeiros dias nenhum de nós acreditava muito na existência da charneca: era uma palavra, um outro nome para o nevoeiro. Só duas semanas depois de termos chegado começou a dissipar-se; à noite já víamos algumas estrelas, encostámo-nos à janela da sala de estar e Lizzie contou-as em voz alta.

Na manhã seguinte o mundo estava transformado, a paisagem a preto-e-branco revelava-se uma paisagem a cores, cheia de luz e tonalidades inesperadas. As árvores eram muito mais altas do que pensávamos, as sebes estavam mal aparadas e as

flores dos canteiros quase desapareciam no meio das ervas. Lembro-me de termos corrido para fora e de ficarmos imóveis durante muito tempo a olhar a velha casa. Afinal era só uma casa de campo inglesa de tijolo avermelhado, com as chaminés simétricas e as paredes cobertas de vinha-virgem, e não havia fantasmas nas janelas.

E do outro lado do portão estendia-se a charneca.

Mas no meu sonho estava nevoeiro, o jardim submerso em nevoeiro, e nós corríamos por entre as árvores; a certa altura Lizzie começou a cantar e acompanhámo-la instintivamente.

Não dançávamos, nenhum de nós sabia dançar, nem mesmo Miranda, mas os nossos movimentos ganharam um ritmo estranho, quase inconsciente, e as nossas vozes reflectiam a sabedoria velha e implacável das crianças quando estão a cantar.

*Here we go round the Mulberry bush
The Mulberry bush, the Mulberry bush
Here we go round the Mulberry bush
On a cold and frosty morning.*

Quando despertei pareceu-me ouvir ainda as nossas vozes ao longe, *on a cold and frosty morning*.

E com uma sensação de irrealidade percebi que estava mesmo na casa do avô.

A vivenda chamava-se Wisteria Hall: no alpendre e nas árvores mais próximas cresciam lilases que nunca vimos em flor. Mas para nós era simplesmente a casa do avô...

Estava num dos quartos do rés-do-chão. Embora o avô tivesse morrido há muitos anos, escolhêramos sem pensar um dos quartos do rés-do-chão, aquele onde John e eu dormíamos em pequenos.

A mulher ao meu lado continuava adormecida, um sono profundo e tranquilo que eu conhecia bem. O seu cabelo era

tão louro como antigamente mas estava muito mais curto; tinha o mesmo cheiro, cheiro a *Johnson's* ou algo do género.

Ela usava um perfume americano de uma marca conhecida, uma mistura de tangerina, limão e um cheiro acre mas agradável que eu não conseguia identificar. Mas o seu cabelo continuava a ter o cheiro de antigamente, cheiro a leite, e era macio e saudável, suponho que nunca o pintara, nunca fizera madeixas, limitava-se a lavá-lo com o mesmo champô.

Afastei o cabelo para tocar ao de leve no sinalzinho que tinha no pescoço. Reparara nele há muito tempo, num dia em que ela dividira o cabelo em duas tranças. Elas penteavam-se sempre da mesma maneira, o que tornava ainda mais difícil distingui-las uma da outra: o cabelo afastado para trás das orelhas, preso numa trança ou num rabo-de-cavalo; às vezes traziam-no solto quando vinham jantar.

O jantar não tinha nada de formal, tomávamos as refeições numa divisão pequena ao lado da cozinha, e a preceptora, Miss Winter, fazia-nos companhia; o avô comia sozinho na sala de jantar, coberta de tapeçarias antigas, do outro lado da casa.

O sinalzinho no pescoço, muito pequeno, quase invisível. Soltei a madeixa de cabelo e ele desapareceu.

Acho que sorri e deve ter sido um dos sorrisos mais amargos da minha vida.

Afinal, era a primeira vez que acordava ao lado de uma assassina.

Levantei-me com cuidado, para não a despertar. Mas ela voltou-se e disse qualquer coisa, com os olhos semicerrados.

- Ainda é muito cedo. Dorme.
- Que horas são?
- Seis e meia.
- Chamas-me depois?
- Sim.
- Está bem.

A mulher voltou-se para o lado e afundou o rosto na almofada; esperei alguns minutos até me certificar de que adormecera de novo.

Perguntei a mim mesmo com que sonhava. Com que sonham os assassinos. Ela tinha um ar tão tranquilo...

Talvez sonhasse com os quatro meninos que brincavam no jardim, no meio do nevoeiro. Não vêem um fantasma naquela janela?

Na verdade, eram oito e cinco da manhã. Mas ainda fazia muito escuro, como se fosse noite fechada.

Vesti a roupa que ficara em cima de uma cadeira, misturada com a dela, e saí do quarto.

A casa estava gelada. Nenhum de nós sabia ligar o aquecimento, e só o monte de cobertores que ela pusera sobre a cama nos impedira de gelar durante a noite.

Apetecia-me estar sozinho. Ela talvez dormisse mais uma hora, e uma hora era muito tempo.

Comecei a subir as escadas que levavam ao primeiro andar. Pensei absurdamente que não ia surgir ninguém no caminho para me impedir de continuar, nem o avô, nem Miss Winter, nem os criados.

Agora a casa era nossa.

Minha e da mulher adormecida que acabara de deixar. E a ideia tinha algo de muito doce e de muito amargo.

A biblioteca do avô. A lareira não estava acesa, como na noite em que lá tínhamos entrado às escondidas, e o cheiro do cachimbo do avô desaparecera por completo. Ou talvez não.

Aproximei-me de uma das janelas e afastei as pesadas cortinas de veludo; o jardim estava mergulhado em nevoeiro, como no sonho. Por instantes tive a impressão de ver quatro crianças a correr lá em baixo; por instantes chegou aos meus ouvidos a velha cantiga:

*This is the way we brush our hair
Brush our hair, brush our hair
This is the way we brush our hair
On a cold and frosty morning.*

Era uma manhã fria e gelada.

Voltei-me para o interior. As estantes de madeira antiga, as fileiras de livros encadernados em que ninguém tocava há muitos anos; alguns amontoavam-se no chão, formando estreitos corredores. Os quadros que representavam o Tamisa ao anoitecer, ruas escuras, lojas, candeeiros.

Sentei-me numa poltrona, perto da lareira, e acendi um cigarro. Precisava de pensar, de pôr as ideias em ordem.

A história era demasiado confusa.

E eu tinha de encontrar um sentido.

Afinal, a minha vida dependia disso.

E a vida dela também...

Tudo começara dois meses antes, numa escura noite de chuva, quando Lizzie batera à porta do meu apartamento em High Street.

Eu não esperava visitas, e fiquei a olhá-la com alguma perplexidade antes de a convidar a entrar.

Lizzie estava assustada. Alguém queria matá-la.